

ECOS DE MEMÓRIA: PRIMO LEVI E A REMEMORAÇÃO DE AUSCHWITZ

*Joselaine Brondani Medeiros (PUCRS)**

RESUMO: O autor italiano Primo Levi permaneceu em Auschwitz por quase um ano, passando fome, sede, frio, sendo obrigado a trabalhar de forma desumana e sofrendo diversas torturas físicas e psicológicas. Auschwitz pode ser considerada o grau máximo de perversidade, onde se dilui a noção de humanidade, é o horror sem limites e, por isso, a rememoração é pontuada de silêncios e vazios. Após Auschwitz, há a consciência da precariedade da expressão: como é possível representar uma experiência que é marcada constitutivamente pela repressão à capacidade de expressão? Portanto, a experiência é marcada por uma seqüência de catástrofes, que abalam a memória dos sobreviventes. Mas, ao mesmo tempo, eles devem tentar vencer o silêncio para que a História seja resgatada e não caia no esquecimento: como diz Primo Levi em suas entrevistas: “os que sobreviveram tem uma obrigação moral para com os emudecidos”.

PALAVRAS-CHAVE: *Auschwitz, memória, violência*

ABSTRACT: *The Italian author Primo Levi remained in Auschwitz for almost one year, going through hunger, thirst, cold, being obligated to work in an inhuman way and suffering various physical and psychological tortures. Auschwitz may be considered the maximum degree of wickedness, where the notion of humanity is dissolved. This is the horror with no limits and, therefore, the remembrance is remembered of silences and voids. After Auschwitz, is there the awareness of the precariousness of expression: is it possible to represent an experience that is marked in a constitutional way by repression to the capacity of expression? Therefore, the experience is marked by a sequence of catastrophes, which shake the memory of the survivors. But, at the same time, they must try to overcome the silence so that the History is recovered and it is not forgotten. As Primo Levi says in his interviews: “those who have survived have a moral obligation with those who are quiet”.*

KEY – WORDS: *Auschwitz, memory, violence*

Primo Levi era judeu, pertencente a uma família com boas condições financeiras. Nasceu em Turim, em 1919, formou-se em Química pela Universidade de Turim, um ano depois da Itália ter entrado na guerra ao lado de Hitler. Em 1943, Levi juntou-se a um grupo de resistentes à invasão alemã do norte da Itália. Foi preso em 1943 e, no início de 1944, estava em um comboio que o conduziria para Auschwitz. Lá permaneceu 11 meses e sobreviveu ao campo de extermínio, devido aos seus conhecimentos de química, à necessidade de mão-de-obra e à generosidade de um trabalhador italiano, que lhe conseguia um suplemento de sopa.

* Doutoranda PUCRS – bolsista CNPq. E-mail: jobrmedeiros@hotmail.com

Após a libertação e o longo percurso de volta para casa, devido à precariedade das estradas de ferro, o autor exerceu sua função de químico, chegando a ser diretor de uma indústria química de tintas nas proximidades da sua cidade natal. Concomitantemente, Levi começou a escrever poesias e narrativas testemunhais e ficcionais. Dentre as suas obras, destacam-se: *É isto um homem?*, *A trégua*, *A tabela periódica*, *Se não agora, quando?* *Os afogados e os sobreviventes*. Também foi colaborador do diário de Turim, *La Stampa*, onde publicava seus textos, até poucos dias antes de sua morte em 1987. Levi se suicidou, após viver um período de profunda depressão, por não conseguir superar o trauma de ter estado em Auschwitz e ter sobrevivido, enquanto tantos outros que perderam a vida e não puderam contar a sua história. Segundo ele, os que morreram eram os melhores, os mais justos, os mais dignos.

A dor passou a tomar conta dos dias e das noites do escritor, que tinha pesadelos horríveis, acordava sufocado, angustiado. Acordava achando que ainda estava no campo e que o dia de trabalho sob supervisão dos SS recomençaria. No dia-a-dia, o medo de que Auschwitz voltasse o consumia, deixava seus nervos em frangalhos. Enfim, Auschwitz destruiu todos os que passaram pela experiência: campo, através do trabalho exaustivo, da fome, do frio, do cansaço ou das câmaras de gás, que engolia suas vítimas como uma serpente gigante, aniquilando-a, transformando-a em pó. Os que sobreviveram morreram aos poucos, vítimas da dor, com os olhos voltados para a tragédia e descrentes de que o mundo fosse sepultar os mortos e fazer justiça. A lembrança era um martírio, uma célula cancerosa, que carcomia o seu corpo e a sua alma aos poucos até minar todas as suas energias e forças. Até não poder mais resistir.

Nas obras *É isto um Homem?* e *A trégua*, há a representação da fase histórica que se estende do início da Segunda Guerra Mundial até o seu término em 1945. Primo Levi sofreu as conseqüências do nazismo, foi perseguido e levado aos campos de concentração por ser judeu. Ele permaneceu no campo de Monowitz, no complexo de Auschwitz, durante o ano de 1944, conseguindo sobreviver porque os alemães precisavam de mão de obra especializada. Ele era químico de formação, o que fez com que fosse enviado para o laboratório de Buna. Mesmo sendo um trabalho mais especializado, no laboratório, havia dor e sofrimento, porque as vítimas eram maltratadas, tendo que trabalhar de forma exaustiva e carregar sacos de substâncias corrosivas, que deixavam manchas vermelhas e feridas na pele.

No complexo de Auschwitz, no sul da Polônia, foram exterminadas cerca de 1,5 milhão de pessoas nas câmaras de gás. Este foi o maior entre os dois mil campos de concentração e trabalhos forçados construídos pelos nazistas. Em vista disso, tornou-se o símbolo da barbárie nazista. Poucos são os sobreviventes de Auschwitz, e Primo Levi foi um deles.

Testemunhou a barbárie, que dizimou muitas famílias e sentiu necessidade de narrar essa experiência – sabendo não ser esta somente sua, mas de todo o povo judeu.

A experiência da vida no campo de concentração está presente em *É isto um homem?* que retrata a condição de degradação do ser humano desde o momento que Primo Levi, alguns amigos e tantos outros judeus foram detidos em Fóssoli, perto de Módena, na Itália, passando pela viagem de trem, onde eram tratados como animais, pois se amontoavam em vagões superlotados, sem poder se mover nem fazer as necessidades básicas: eram doze vagões para seiscentas e cinquenta pessoas até a chegada em Auschwitz. Lá a animalização era total, porque os presos eram destituídos da sua identidade, dos seus objetos pessoais, da sua família, do seu elo com o passado, com o presente e com o futuro. Não havia mais esperanças nem vida. Entrava-se num ambiente cinza, nublado, cheio de tristeza, dor e violência. Era a morte que se personificava. A morte rondava, espreitava quem ainda vivia e via todos os dias aumentarem as nuvens de fumaças vindas dos fornos crematórios.

Quando o trem chegou, já havia médicos e policiais para conduzir os judeus. A maioria das mulheres, crianças e velhos eram enviados direto para a câmara de gás, uma vez que não serviriam de mão-de-obra. Já os homens alguns eram enviados para a câmara de gás, outros recebiam uma tatuagem no braço e eram encaminhados aos campos de trabalho. Eles eram obrigados a ficar nus para a primeira inspeção, depois vestiam uniformes listrados, seus cabelos eram raspados, usavam tamancos, que eram mais um instrumento de tortura, devido às chagas que causavam. A tatuagem era um número, que comprovava a total reificação do ser humano: ele, agora, era um número gritado pelos SS nas horas das chamadas, nas contagens, nas refeições. A sua identidade era um número, seu nome e sua identidade viravam fumaça, desapareciam, como se nunca tivessem existidos.

A partir da entrada no campo, os prisioneiros encontraram somente hostilidade, eram separados dos seus familiares: as mulheres, as crianças e os velhos partiam rumo à incerteza e à escuridão. Os homens mais fortes e saudáveis do comboio de Levi juntavam-se a outros no campo de trabalho, cujo objetivo era a instalação de uma fábrica de borracha de nome Buna. Assim, a vida no campo se resumia a trabalhar, passar fome (a comida era escassa; a sopa, aguada, e o pão, mingüado), sede (a água não era potável e fermentava no estômago, deixando-os inchados e doentes) e frio (a neve cobria os campos, e eles, muitas vezes, tinham que ficar nus para inspeções. As cobertas também eram escassas, muito sujas e esfarrapadas). Primo Levi tinha consciência de que a morte estava próxima:

Aqui estou no fundo do poço (...). Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; membros ressequidos, meu rosto

túmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós têm a pele amarela, outros cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, costumamos a reconhecer-nos” (Levi, 1988, p. 35).

Devido ao trabalho, à fome constante, à fadiga física e mental, se uma pessoa deixava de ver a outra alguns dias já não era mais possível reconhecê-la. A cada dia no campo, o detento ficava mais magro, mais fraco, mais debilitado, mais sem forças para lutar e resistir. Ele morria aos poucos: era um verme que rastejava, sem força e sem amanhã. Enquanto vidas eram perdidas, sonhos anulados, os cidadãos do mundo tapavam os olhos para o caos social. A malignidade humana foi sem explicação, pois o homem destruiu o seu semelhante sem dó nem piedade, em nome do poder. Auschwitz existiu, e talvez continue existindo nos atos violentos, nas guerras, na dominação de uma nação sobre outra, na busca desenfreada por poder, status e bens materiais.

Em 1945, os russos e especialmente a Cruz Vermelha chegaram em Auschwitz. Antes disso, os alemães evacuaram o campo, levando os prisioneiros saudáveis consigo. A neve era intensa e os que não conseguiam caminhar rápido eram mortos pelos soldados. Primo Levi ficou no campo, porque contraíra escarlatina. Estava fraco, com dores no corpo e com febre muito alta, que provocava alucinações e delírios. O campo estava destruído. Havia mortos para todos os lados, destroços humanos se misturavam a fezes, urina e excrementos, os doentes gemiam, não havia mais nenhum alimento, nem mesmo a ração minguada, nem água para matar a sede. O cenário era de desolação, dor, tragédia; pior que o de um filme de terror. A devastação fora terrível, inigualável. Auschwitz é o inimaginável, talvez por isso haja tanta gente que ainda duvide a sua existência.

Pode-se pensar que, após a saída dos alemães, acabara o massacre. Pelo contrário, a destruição se estendeu por mais um tempo. E é sobre esse período que o escritor Primo Levi conta na sua obra *A trégua*. A desorganização no campo era imensa, só havia destruição e cadáveres por todos os lados. Levi não pode partir no primeiro comboio, porque ficou doente. Permaneceu em um “quarto enorme e escuro, cheio até o teto de sofrimento e lamúrias. Para uns oitocentos doentes, havia apenas um médico (...) de manhã, contavam-se às dúzias os cadáveres nos beliches espalhados pelo chão” (Levi, 1997, p. 27).

Depois de restabelecido, trabalhou alguns meses como enfermeiro, ajudou o exército vermelho na busca de sobreviventes e, em junho, iniciou a viagem de regresso, que duraria até outubro, quando finalmente chegou no seu país. A viagem foi muito penosa, ele e alguns amigos passaram por muitas cidades, sofreram discriminações, continuaram passando fome, sede e frio e, muitas vezes, tiveram que roubar para continuar lutando pela vida.

Havíamos resistido, apesar de tudo: havíamos vencido. Após o ano do Lager, de tormento e paciência; após o oceano de mortes que se seguiram à libertação; após o gelo, e a fome, e o desprezo (...) após as transferências insensatas, que nos fizeram sentir condenados a gravitar eternamente através de espaços russos, como astros apagados (...) voltamos a subir novamente, uma viagem para cima, de volta para casa (Levi, 1997, p. 312).

Quando Levi partiu de Auschwitz em direção a sua casa na Itália, enfrentou muitos percalços e dificuldades. As estradas de ferro estavam destruídas, os poucos trens que ainda faziam algumas linhas estavam sempre superlotados. Além disso, as cidades por onde Primo Levi passou estavam na miséria, sem infra-estrutura, não havia trabalho nem condições dignas de vida. Ele continuou passando fome, frio, tendo que trabalhar por um prato de comida e dormir ao relento. A viagem não foi uma trégua, foi, na verdade, uma longa jornada cheia de problemas e obstáculos, que o deixaram ainda mais abatido e deprimido.

A batalha pela sobrevivência foi longa, não somente no campo, sob os olhos dos SS, mas também no percurso de regresso. Mesmo em casa, a batalha continuou, pois a experiência ficaria marcada na memória, da mesma forma que o número tatuado no braço esquerdo. O lado psicológico dificilmente seria restabelecido, tanto que, quando Primo Levi foi encontrado morto, em abril de 1987, no poço da escadaria do seu apartamento, muitos acharam que ele havia se suicidado. A dor de viver era maior que a vontade de contar, de dar testemunha da experiência vivida no campo de concentração. Além do mais, sua voz era quase inaudível, as pessoas pareciam não acreditar no que ela contava, não tinham tempo nem se interessavam pelo seu testemunho. O mundo moderno corria em ritmo acelerado, e as pessoas viviam o seu dia-a-dia, sem pensar na História e nos acontecimentos sociais e políticos. É isso que os governos almejam: cidadãos alienados e facilmente manipuláveis.

Em Turim, Levi começou a contar a sua experiência de sobrevivente do massacre nazista. Em meio à dor, precisou enfrentá-la para fazer justiça às vítimas, contando o processo de desumanização e degradação que sofreram e todas as injustiças cometidas nos campos de aniquilamento nazistas. Em uma entrevista para Ferdinando Camon (1997), Levi comentou a sua necessidade de falar:

Depois do retorno de Auschwitz, eu tinha uma necessidade enorme de falar, encontrava aqui os meus velhos amigos e os enchia de histórias (...). Acredito ter sofrido um amadurecimento, tendo tido a sorte de sobreviver. Porque não se trata de força, mas de sorte: não se pode vencer com as próprias forças um campo de concentração. Fui afortunado: por ter sido químico, por ter encontrado um pedreiro que me dava de comer,

por haver superado a dificuldade da língua; nunca adoeci, caí doente somente uma vez, já no final, e também isto foi uma grande sorte, porque evitei a evacuação do campo de concentração: os outros, os que estavam saudáveis, foram todos mortos, porque foram deportados para Buchenwald e Mauthausen, em pleno inverno. (LEVI, 1997)

Levi tinha a necessidade de falar porque teve a sorte de sobreviver, mas, muitas vezes, o seu relato era pontuado de silêncios, decorrentes da impossibilidade de verbalizar o ocorrido. O silêncio, o vazio e a solidão estavam entranhados no seu corpo e na sua memória. Pensa-se em como o sobrevivente poderia retomar a vida, sabendo que passou por uma experiência tão intensa e dolorosa, ou seja, depois do genocídio, os seus vínculos e os seus laços com o mundo real estavam dilacerados.

A solidão do sobrevivente é a dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isso transfigurou-se em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos – máxima semelhança – tornaram-se assassinos de um povo (Cytrynowicz, 1999, p. 54).

Diante disso, a correlação narrar versus a impossibilidade de narrar aflora, pois como articular a necessidade de narrar uma experiência marcada pela barbárie, tendo consciência da percepção da insuficiência de linguagem para expressá-la? As palavras somem, resta um vazio, uma dor no fundo do coração. Adorno questionava se havia possibilidade de se fazer poesia depois de Auschwitz. E o próprio Levi em depoimentos afirmava que a poesia era resultado de duas mãos esquerdas. Com relação à imagem “duas mãos esquerdas”, pode-se pensar na impossibilidade de verbalizar a catástrofe. A escrita é quase morta. Só há mãos esquerdas, porque reflete a situação-limite em que se encontrava o escritor ao produzir poesia.

O que resta de um homem quando todas as condições da existência humana lhe são subtraídas? Será que há um discurso capaz de expressar essa realidade, sem distorcê-la ou banalizá-la? Seligmann-Silva (2000 p. 75) argumenta que “com a nova definição da realidade como catástrofe, a representação, vista na sua forma tradicional, passou, ela mesma, a ser tratada como impossível; o elemento universal da linguagem é posto em questão tanto quanto a possibilidade de uma intuição imediata da realidade”. Então, como expressar algo que vai além da nossa capacidade de imaginar e representar?

A Shoah escapa à representação justamente devido à sua grandiosidade: não foram dezenas de pessoas que perderam a vida no campo de concentração; foram, sim, milhares. A visão de um campo de concentração não corresponde a nada na nossa experiência, tornando quase impossível de se crer. Daí a existência e, até mesmo, aceitação de teorias de que o extermínio dos judeus não tivesse acontecido.

Nesse ponto, vale pensar em o porquê do livro *É isto um homem?* ter caído no silêncio e no esquecimento quando foi publicado em 1947. Parece que houve, por parte da sociedade em geral e, sobretudo, dos Governos, uma vontade de negar a ocorrência da catástrofe. Isso mostra que a construção da memória do passado e do conhecimento histórico está intrinsecamente ligada aos interesses ideológicos e às lutas políticas que pertencem ao presente. A construção da memória coletiva deveria manter um elo com a envergadura ética, que se inscreve numa luta política e histórica precisa.

Para os sobreviventes, a rememoração foi pontuada de tensões. Nos seus depoimentos e mesmo nos seus escritos, há fragmentações, descontinuidades, lapsos, silêncios. Mas esse silêncio era necessário, ele talvez pudesse traduzir a dimensão do mal. O silêncio se tornava uma espécie de prece aos mortos e uma demonstração de que os sobreviventes passaram por uma situação-limite. Em suma, não havia palavras a “a altura” desse evento.

Além do silêncio, na escrita deles, há a alegoria e a presença constante devaneios. Os sonhos e as alucinações atormentavam as noites cinzentas de Levi: realidade e sonho se misturavam:

O meu sono é leve, leve como um véu; posso rasgá-lo quando quero. Quero, sim, sair de cima dos trilhos. Pronto: estou acordado. Não bem acordado; só um pouco, entre a insensibilidade e a consciência. Tenho os olhos fechados; não quero abri-los, não, para que o sono não fuja de mim, mas ouço ruídos: este apito ao longe sei que é verdade, não é da locomotiva do sonho (Levi, 1988, p. 59)

A locomotiva sempre trazia más notícias: mais companheiros chegando, mais famílias a caminho da destruição, mais corpos apodrecendo, após serem retirados da câmara de gás. Os próprios judeus tinham a difícil tarefa de retirar os corpos dos mortos da câmara de gás, porém não venciam transportá-los e enterrá-los nas valas, devido à grande quantidade de mortes por dia. Os corpos chegavam a ficar até semanas decompondo-se, cobertos de sangue, vermes e excrementos. Enfim, no campo, os dias, as vidas, a fábrica, as esperanças eram cinzentas. Era o inferno e, diante disso, “como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivessemos mortos” (Levi, 1988, p. 20).

Mesmo após a chegada em Turim, depois de trinta e cinco dias de viagem, os sonhos não cessaram de atormentar Levi, angustiando-o:

Estou à mesa com a família, ou com amigos, ou no trabalho (...), mas, mesmo assim, sinto uma angustia sutil e profunda, a sensação definida de uma ameaça que domina. E, de fato, continuando o sonho, pouco a pouco ou brutalmente, todas às vezes de forma diferente, tudo

desmorona e se desfaz ao meu redor, o cenário, as paredes, as pessoas, e a angústia se torna mais intensa mais precisa. Tudo agora tornou-se caos: estou no centro de um nada turvo e cinzento (...). Estou de novo no Lager (...) ouço ressoar uma voz, bastante conhecida; uma única palavra, não imperiosa, aliás breve e obediente. É o comando do amanhecer em Auschwitz, um apalavra estrangeira, temida e esperada: levantem, “Wstavach” (Levi, 1997, p. 359).

Os pesadelos e os fantasmas da morte sempre rodeariam Levi. A luta para se tentar vencer a morte e a dor não tinha trégua. A imagem do transporte nos trens imundos, da seleção na descida do trem, da tatuagem no braço e da câmara de gás ficaria para sempre calcada na memória.

Seguindo a linha de análise social e histórica da “era da catástrofe”, estão os posicionamentos de Adorno, Benjamim e Arendt. Para Adorno, a experiência da História é observada não como totalidade, mas dotada de uma formação conflitiva, em constante problematização do seu curso. Esse posicionamento é compartilhado por Benjamim, que via a modernidade de forma alegórica, devido à concretização da perda de experiência. Ele funda o conceito de progresso histórico sobre a idéia de catástrofe, uma vez que a História aparece sempre marcada pela morte e pela ruína, enfim, pela “catástrofe em permanência”. A compreensão do esgotamento e ruptura da tradição, causadas pelas catástrofes políticas totalitárias do século XX (nazismo, fascismo), obrigaram Walter Benjamin a se interrogar sobre o hiato que se verificou entre o passado e o futuro. Deve-se tentar com urgência despertar desse pesadelo em que o consciente coletivo se encontra mergulhado.

Daí a necessidade da rememoração, enquanto gesto que destrói e rompe com essas fantasmagorias, esbofeteando a sociedade a fim de que a desperte. A sociedade precisa acordar e rever o passado, cavar em meio aos escombros para descobrir os mortos e daí sepultá-los. Nesse gesto de voltar para o passado, os cidadãos terão contato com uma História esquecida, mas que precisa ser resgatada. As obras literárias *É isto um homem?* e **A trégua** revisitam a História da Shoah, aquela História que foi esquecida junto aos mortos. O autor-narrador, Primo Levi, tenta resgatar o passado e colar os seus cacós, para que este não seja sufocado pelo silêncio e pelo esquecimento.

Primo Levi viveu sob impacto do regime totalitário. Como sobrevivente, testemunhou fatos que não têm paralelo na História. Porém, através da arte, achou um possível caminho para lutar contra essa sociedade totalitária e estandartizada. Ele conseguiu subverter a ordem convencional e criar impacto, possibilitando uma reflexão da realidade. A vontade de relatar a experiência do campo era tanta, que se tornara vital; era uma forma de libertação interior. “O campo é uma grande engrenagem para

nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade. Para dar nosso depoimento” (Levi, 1988 p. 39). Escrever se tornou uma forma de resistir, de renascer, e de resgatar a História e a sociedade.

Tanto na obra *É isto um homem?* como em *A trégua*, há a presença dos vazios e dos silêncios, decorrentes da dificuldade de verbalizar a experiência de Auschwitz. Ela é o inexplicável, o imensurável, a situação-limite e, diante disso, não há palavras capazes para transcrever o ocorrido. A tragédia destruir corpos humanos de judeus, negros, ciganos, homossexuais e a linguagem. Vem à tona a relevância de se refletir sobre articulação entre a linguagem e essa experiência da barbárie, visto que aquele que testemunha depara-se com a ausência de palavras capaz de expressar a experiência. Em decorrência disso, essa linguagem tráfegará por uma área de sombras, de ausências e de silêncios. Nesse caminho, há um entrecruzamento, entre a necessidade e a impossibilidade.

A literatura de testemunho se articula: de um lado, a necessidade premente de narrar a experiência vivida; do outro, a percepção tanto da insuficiência de linguagem diante dos fatos (inenarráveis) como também – e com sentido muito mais trágico – a percepção do caráter inimaginável dos mesmos e da sua conseqüente inverossimilhança (Seligmann-Silva, 2003, p. 46).

Nas obras de Primo Levi, há as impressões e as marcas que foram inscritas no seu corpo e na sua memória. Ele possuía uma ânsia desenfreada de comunicar, de falar, de escrever, porém sabia que era incapaz de comunicar o incomunicável e de dizer o que foi o horror de viver em um campo de concentração. Os que sobreviveram depararam-se, portanto, com a morte e a quem esquecer, mas a morte os acompanha, é uma ferida aberta nas suas memórias. Um possível caminho para cicatrizá-las é enfrentá-la, é contar aos outros. Mas como contar, se a experiência fica além do vocabulário usual? Depara-se, desse modo, com um problema complexo, onde se enxerga apenas a ponta do iceberg.

Há uma ruptura entre o plano da memória e o da História, pois o que se está em questão com Auschwitz não é apenas a morte individual, mas “o genocídio de um povo executado por um estado moderno no coração da Europa em pleno século XX” (Cytrynowicz, 1999 p. 54).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986.

- ARENDDT, H. *Origens do totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CAMON, F. *Conversazione con Primo Levi*. Parma: Ugo Guanda Editore Editore S.p.A., 1997.
- CYTRYNOWICZ, R. *Memória da barbárie. A história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial*. 2. ed. São Paulo: Nova Stella, 1991.
- LEVI, P. *A trégua*. Trad. Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. *É isto um homem?*. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- SELIGMANN-SILVA, A história como trauma. In: NETROVSKI, A & SELIGMANN-SILVA, M. (orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- _____. A literatura do trauma. *CULT – Revista de Literatura Brasileira*: São Paulo, 1999. Ano II n. 23.
- _____. *Auschwitz: história e memória*. Pro-Posição: São Paulo, 2000b v. 11 n. 2.
- _____. *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. São Paulo: Edunicamp, 2003.